

Euclides da Cunha e as Ilhas de Búzios e Vitória

A equipe do Projeto Memórias Reveladas visitou em junho as comunidades tradicionais de Búzios e Vitória para a realização das Jornadas da Cultura Caiçara. Nas pesquisas que as antecederam, nos deparamos com um material que representa uma preciosidade histórica e literária, ao menos para Ilhabela.

O texto consta de uma publicação do Conselho Nacional de Geografia, com data de 1944, e busca resgatar e dar publicidade ao relatório inédito denominado "Ilha dos Busios", escrito por Euclides da Cunha, em junho de 1902, após sua visita às ilhas de Búzios e Vitória, ao lado do amigo poeta Vicente de Carvalho.

Euclides da Cunha foi engenheiro, militar, jornalista, ensaísta e historiador. Ele nasceu em Cantagalo, RJ, em 1866, e faleceu no Rio de Janeiro em 1909. Formado pela Escola Superior Militar, casou-se com a filha de um dos militares líderes da Proclamação da República. Esse ambiente fez com que atuasse em órgãos públicos, tanto federais como estaduais, especialmente nos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo. Em 1897, tornou-se jornalista correspondente de guerra, cobrindo alguns dos principais acontecimentos da Guerra de Canudos. Os escritos desse período renderam-lhe a publicação de **Os Sertões**, considerada por todos sua obra prima.



A viagem de Euclides da Cunha às ilhas de Búzios e Vitória tinha como objetivo investigar a possibilidade de instalação de uma colônia penal naquelas terras. Em poucos dias percorreu as Ilhas, fazendo um levantamento de dados essenciais para a decisão sobre a viabilidade ou não da construção prisional em uma das ilhas.

Nessa viagem, deparou-se com uma primeira dificuldade. Não sabia se atribuiria o nome de Búzios a mais distante ou a mais próxima. "*Este fato delata por si só o grande olvido em que têm jazido aqueles dois fragmentos da nossa terra*", concluiu o engenheiro e escritor. Ele optou pela designação invertida. Sobre a Ilha de Vitória ele afirmou: "*[a ilha tem] capacidade para povoamento muitas vezes maior, explicando-se o seu abandono pela distância*".

Em um momento de seu relato, ele declara: "*[Aqueles ilhas] não têm existência histórica e não figuram em nenhuma das narrativas de episódios de que foi, entretanto, notável teatro o vasto segmento de costa que fronteiam*". De fato, são escassas as referências a Búzios e Vitória na historiografia brasileira. Ambas constam do Tratado Descritivo do Brasil, escrito em 1587 por Gabriel Soares de Sousa. Mais além, segundo o julgamento de Euclides da Cunha, as menções resultam das "aventuras perigosas do contrabando de escravos (...) os únicos episódios da história, de todo destituída de interesse, daquelas ilhas". O escritor se refere ao papel desempenhado por Búzios e Vitória na época do tráfico negroiro.

Em dez páginas de relatos, Euclides da Cunha, com um olhar mais minucioso, faz descrições importantíssimas de dois pedaços de Ilhabela, também ilhas, só que mais distantes, sem praias e desprovidas de portos para as embarcações, conforme descrito por ele:

«...de pronto apercebidos na alvura dos cordões de rochas desmanteladas que os debruam, lhes prenunciavam perigosos parcéis e desembarque penosíssimo.»

ILHAS DOS BUSIOS *

RELATÓRIO INÉDITO ESCRITO POR EUCLIDES DA CUNHA E ENVIADO AO
NONO CONGRESSO PELO PROF. VENÂNCIO FILHO

Este relatório, modelo no gênero, exato e bem escrito, pode ser completado por palavras comovidas de Vicente de Carvalho, insertas nas "Páginas Sôltas", onde o grande Poeta lembra a viagem temerária feita na companhia de Euclides até a ilha da Vitória.

Conservado na Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo, deve-se ao carinho do saudoso dr. Henrique Coelho

F. V. F.

*

ILHA DOS BÚSIOS

RELATÓRIO PENAL

Relatório apresentado pelo Dr. Euclides da Cunha

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Esta notícia, resultado imediato de um reconhecimento ligeiro nas ilhas dos Búsios e da Vitória, indica-lhes os caracteres essenciais visando principalmente os que permitem, numa delas, a localização de uma colônia penal.

De acôrdo com as instruções verbais que me foram dadas pelo Sr. Dr. Cardoso de Almeida, Chefe de Polícia do Estado de São Paulo, examinei-as sobretudo quanto aos vários aspectos físicos preponderantes, limitando-me quanto aos topográficos às operações expeditas capazes de fornecer elementos aceitáveis para uma apreciação aproximada dos diversos contornos relevos predominantes e dimensões principais.

Dêste modo as plantas anexas são apenas um esboço sem a fixidez de linhas e a segurança matemática de um trabalho planimétrico modelados pelos processos normais. Como adiante demonstrei, ainda quando ultrapassando aquelas instruções eu tentasse um levantamento regular, êste só seria exequível num espaço de tempo sobremaneira longo, implicando a presteza essencial dos reconhecimentos.

Assim me limitei, quando às posições geográficas daquelas ilhas e conformação particular, a utilizar-me dos dados que se me antolharam sem grande dispêndio de tempo. Adotei para as primeiras as coordenadas averbadas nas cartas existentes, porque as ligeiras discrepâncias de alguns segundos, que acaso existam, certo não se revelariam em uma ou duas noites de observação nas operações expeditas do sextante. E quando à segunda, diante da impossibilidade completa de praticar o simples caminhamento, fui obrigado, como se verá mais longe, a esteiar-me no mais antigo e simples dos recursos indicados para casos idênticos o dos levantamentos à vela, consistindo em tornear a terra, avaliando as distâncias a relógio e orientando as linhas costeiras pelos azimuts e deflexões do trânsito.

Este meio, porém, além da instabilidade dos elementos que fornece, tem a agravante de exagerar quase sempre tôdas as linhas vivas dos relevos, ampliando-lhes os valores angulares relativos com o olvido quase sempre inevitável dos acidentes secundários. Embora sob o ponto de vista hidrográfico êle tenha

* N. do Rev. — Foi conservada a grafia dêste topônimo.

o apoio franco e insistentemente proclamado de um geógrafo ilustre o almirante E. Mouchez porque é o que melhor regista a impressão real de quem tivas às grandezas lineares horizontais ou verticais e área dos terrenos desenhados.

Quer isto dizer que este reconhecimento, feito embora com as maiores cautelas, sofrerá inevitáveis correções caso se realize ulteriormente, ali, qualquer outra operação topográfica.

E esta é necessária.

Aquelas ilhas, apesar de abeiradas do litoral, e aparecendo nítidas, diante dos navegantes como o revelam os desenhos do quadro n.º 1 — são pouco conhecidas.

Não tem existência histórica e não figuram em nenhuma narrativa de episódios de que foi, entretanto, notável teatro o vasto segmento de costa que fronteiam.

Ao atingi-las os mareantes tinham, logo adiante, para ocidente ou para o sul, na enseada aberta de Caraguatatuba, no abrigo seguro de Ubatuba, ou na curvatura setentrional intensamente articulada da ilha de São Sebastião, os atrativos de uma terra maior e fundeadouros mais acessíveis, e passavam sem que nada os levasse aos dois ilhotes pouco distante cujos contornos revoltos, de pronto apercebidos na alvura dos cordões de rochas dismanteladas que os debruam, lhes prenunciavam perigosos parcéis e desembarque penosíssimo.

Apesar disto foram notados desde os primeiros anos do século do descobrimento e tiveram os nomes que ainda persistem e se averbam já no Tratado Descritivo do Brasil. (1587), de Gabriel Soares.

Tais denominações, porém, abrangem-nos indistintamente, sendo trocadas consoante o capricho dos cartógrafos, de sorte que ainda hoje não há ajuizar-se acerca de suas aplicações reais, nem mesmo ante a admirável carta marítima de Mouchez (1869), onde a vacilação se põe de manifesto no denominar a ilha mais remota e setentrional de Busios (anct. Vitória) e a mais próxima de Vitória (anct. Busios).

E se considerarmos que o alvitre do notável hidrógrafo se contrapõe aos dos habitantes que chamam, hoje, Vitória a mais setentrional e Busios a outra, vemos que não há critério algum para a fixação definitiva dos termos.

Temos por excusado citar sem número de cartas espelhando idêntica ambigüidade.

Este fato delata por si só o grande olvido em que tem jazido aquêles dois fragmentos da nossa terra.

A pequena população de poucas centenas de almas, que existe na da Vitória (adotemos este nome para a mais próxima, de acôrdo com E. Mouchez), se bem que sob a jurisdição da comarca de vila Bela, está de todo segregada do resto do país.

Vive sob o patriarcado de um octogenário, Joaquim de Oliveira, que, graças à notável ascendente moral, enfaixando todos os poderes, lhe regula todos os atos dos que entendem com a organização da família aos que visam a manutenção da ordem e aos que orientam uma atividade resumida em pequenas culturas de cereais e à faina pesada das pescarias no alto mar.

Este último meio de vida é o mais generalizado.

Quem rodeia a ilha da Vitória observa, de espaço a espaço, irregularmente intervaladas, grosseiras armações de paus roliços entrecruzados ou amarrados com cipós e cordas, instáveis à ponta dos fraguados, de onde descem em planos inclinados fortes para as águas. No alto um alpendre — quatro pés direitos e uma cobertura de sapé — completa aquêlo dispositivo indispensável num litoral sem praias, onde as embarcações mais ligeiras não podem permanecer encostadas no marulho das vagas sôbre as pedras. Por ali descem ou sobem, diariamente, arrestando-as a pulso, os pescadores que não raro ao tornarem das

longas excursões, no final de um dia inteiro de fadigas, tem ainda de realizar prodígios de agilidade e de força, para, saltando em plena arrebenção das ondas, salvarem a embarcação, o que conseguem sempre.

São naturalmente homens de compleição robusta, vigorosos e ágeis, afelcoados aos perigos que afrontam todos os dias, porque, canoieiros eméritos, se distanciam às vezes para sueste até perderem de vista a terra, ou atravessam constantemente o largo braço de mar que os separa de São Sebastião, principal mercado para onde levam, salgados, os produtos de suas pescarias.

O mar tem-lhes sido uma escola de força e de coragem — sendo natural que a êle devam as únicas tradições locais que de certo modo se prendem a uma fase da nossa história.

De fato — quando pelo *bill* de Aberdeen, (1845) os cruzeiros ingleses exercitaram a repressão do tráfico africano até dentro das nossas águas territoriais, as ilhas da Vitória e dos Busios foram as estações mais avançadas dos vigias, que iludiam aquela fiscalização severa. Graças a sinais adrede combinados, de fogueiras acesas ao longo dos costões volvidos pra o sul, ou de bandeiras de diversas côres levantadas no mais alto dos morros, os navios negreiros, ao longe, aprovavam confiantes para a terra ou amarravam céleres furtando-se aos que os caçavam.

Tôda a atividade naqueles pontos se resumia nas aventuras perigosas do contrabando de escravos.

Dali arrancavam em velozes canoas de vaga os auxiliares dos traficantes, indo colher em pleno mar os negros manietados que conduziavam para os recessos do Sombrio, ao fundo da Baía dos Castelhanos, e para o litoral, de preferência na faixa vinculada de pequenas angras que se estira da Mocóoca às terras que defrontam o Bairro Alto.

Destas emprêsas arriscadas, nem sempre coroadas de êxito, resultam os únicos episódios da história, de todo destituída de interêsse, daquelas ilhas.

Elas persistem no mesmo estado rudimentar.

Na única realmente povoada, a da Vitória, entre 358 pessoas sòmente duas sabem ler e escrever. Um professor que ali esteve, há tempos, pouco se demorou, abandonando-a como quem foge a um degredo inaturável.

Por outro lado, nenhum sacerdote houve ainda bastante abnegado para procurar a população esquecida, que é, digamo-lo de passagem, fervorosamente cristã.

Dêste modo aquêles lugares, tão próximos do litoral, estão como que abandonados sem terem definidos os próprios nomes — como se estivessem a desmarcadas distâncias, em pleno Atlântico...

Merece, contudo, alguma atenção.

Posto que diminutíssima a fração de nossa gente que por ali moureja numa atividade primitiva, enérgica e penosa, faz jus a melhores destinos. E uma escola mesmo modestíssima — traduziria a mais bela intervenção dos poderes constituídos, no sentido de incorporar a uma pátria, que não conhecem, aquêles desprotegidos patricios.

ILHA DOS BUSIOS

(23° 44' 15" L.S. E 1° 51' 30" LONG. O. DO RIO DE JANEIRO)

Esbôço Topográfico

A planta anexa (n.º 2), repitamos, foi organizada segundo qualquer dos processos regulares. Tentei a princípio um caminhamento expedito, contorneante, com o teodolito de Casella mas não conseguí realizar a terceira visada. Impossibilitou-a o aparelho litoral altamente perturbado de grandes acervos de blocos, já acumulados, já desordenadamente esparsos e desaparecendo apenas nos trechos em que a rocha desce em paredões a prumo, tornando inexecúvel o traçado de uma base central e dominante, tendo a condição essencial

da visibilidade dos pontos principais do contorno, facultando uma triangulada rigorosa. O caráter orográfico da ilha imporia, em tal caso, a escolha de muitas bases secundárias para o apercebimento de todos os vértices, e estas exigiriam demoradas aberturas de picadas, etc..

Idênticos inconvenientes acompanhariam os processos por irradiação e o de ordenadas a uma linha mediana desenvolvida a dimensão maior do terreno.

Reconhecidos tais impecilhos, adotei para logo o recurso único e mais próprio a fornecer indicações razoáveis: rodear a ilha numa canoa de voga, de marcha tanto quanto possível uniforme que me permitisse apreciar as distâncias pelo relógio, à medida que iam sendo determinadas, com o auxílio da bússola, as deflexões das linhas principais da costa.

Assim procedi:

Partindo da estação A, no meio do pequeníssimo estreito que separa a ilha principal da do Paredão, e orientado pelo azimute do ponto B, na ponta do Oratório, seguí para O e em ordem sucessiva para SO, S, SE, NE, e N, tornando ao ponto de partida após 1 hora e 38 minutos de marcha ininterrupta.

Dêste modo delineei o esbôço citado, na escala de 1:20.000. Suficiente para que se forme idéia perfeita sobre a conformação geral do terreno, carece êle de rigor quanto aos elementos que sirvam para se apreciar as várias dimensões.

A marcha da canoa não foi uniforme. Num percurso envolvente, volvida a proa para todos os ângulos dos quadrantes, saltaram-na lufadas diferentes e a movimentação variável das vagas.

Partindo com o mar remansado e chão, à medida que nos avantajávamos na direção do sul, avolumavam-se as ondas, sobretudo ao longo do desabrigado costão de sueste, onde se tornou sobremodo morosa a travessia.

Assim, ao organizar a planta definitiva, tive de atender estas circunstâncias fugitivas e instáveis, adstritas a todos os efeitos da apreciação pessoal e sem um só coeficiente prático e fixo que a fortalecesse.

Apesar disto como procurei equiparar as grandezas obtidas neste reconhecimento como as adquiri depois, cortando a ilha, por terra, em diversos sentidos, acredito que os erros inevitáveis cometidos tenham sido em grande parte atenuados.

De qualquer modo ficaram definidas as linhas essenciais das costas.

Considerando-as vê-se que a ilha principal se estende quase juxtaposta ao traço do meridiano, com um comprimento total de 2.180 metros. Recortam-na pequenas enseadas, duas das quais maiores e mais reentrantes, a dos Frecheiros e a do Abrigo para os do Sul, lhe dão a forma geral de um 8 incorreto, repar-tindo-a em duas partes desiguais, uma, a do Norte, com 800 metros de eixo maior e outra, do Sul, com 1.380, contados a partir do centro do istmo de Frecheiras.

Ora, se lhes dermos as larguras médias, respectivas, de 620 e 1.300 metros, consideradas as figuras como imperfeitos rectangulares, o que basta para um cálculo aproximado, verificaremos para a primeira uma área de 496.m²000, e para a segunda a de 1.794.m²000 somando o total de 2.290.m²000, equivalentes, em medidas agrárias, a 229 hectares, ou números redondos, 95 alqueires.

Tal é a superfície média a adotar-se convindo, porém, observar que os habitantes do lugar a reputam ainda escassa e são acordes numa avaliação maior. Firmamo-nos, entretanto, nestes números.

A pequena ilha do Paredão, cuja situação real, bem definida na planta é diversa da que lhe dá a carta de Mouchez, tem a forma mais ou menos triangular, permitindo avaliar-se-lhe melhor a superfície de cerca de 90.000 metros quadrados, correspondentes a pouco menos de 4 alqueires.

Concluimos, então, pôsto de lado o ilhote das Cabras, solo arável, é insignificante, que se pode dar ao conjunto das terras a área total de 99 alqueires ou, arredondando o número, 100 alqueires de terras aproveitáveis — convindo aditar que êste cálculo, segundo o preceituado, é calculado na projeção horizontal

das terras o que redundará na redução das dimensões efetivas sobretudo em terrenos, como aquêles, bastante acidentados.

Verifica-se este caráter ao simples enunciado das suas cotas proeminentes. De fato, considerando-se a porção setentrional da ilha dos Busios, própria-mente dita, tem-se logo à distância de uns trezentos metros, num ligeiro pátam do morro, cota de 110 metros. A ascensão, sobretudo para quem entra pela face que defronta a ilha do Paredão, é penosa, derivando por um declive de 20° a 25°. Apesar disto é nesta vertente, livre das ventanias do sueste, que se encontram em maior número as vivendas que a planta indica, circundadas de pequenas culturas, estando a principal delas no ponto definidor da altura indicada. Aí se arquia um ligeiro soalco, levemente côncavo, centralizado por um banhado de águas perenes e rebalsadas.

Seguindo-se pela linha firme do Sul, o terreno sobe até atingir a altitude de 165 metros, da qual descamba logo para o istmo das Frecheiras, que se alonga pelo mesmo rumo, descaindo em pendores breves para o poente e para o levante, em forma de sela, da qual o ponto mais alto alcança apenas 24 metros.

Galga-se então o segmento meridional e maior da ilha, proseguindo na mesma direção, até ao seu ponto, culminante, onde se observa a altura máxima de 188 metros. Um farol ali estacionado, em posição admirável, teria um alcance geométrico, quase igual ao iluminativo, de 28 milhas, pela fórmula empírica.

Estes números fornecidos pelo aneróide comum, depois das correções de temperatura, revelam a feição montanhosa da ilha, ante a sua área relativamente estreita.

Apesar disto, excluídos a vertente de sueste, parte da do Norte e pequenos esporões que vão descaindo para as pontas de leste e sudeste, o terreno em geral permite subidas desafogadas e fáceis pelas rampas pouco íngremes que derivam enseadas expressas no desenho.

A um simples lance de vista nota-se que estas últimas se abrem da maneira mais própria a torná-las eficazes abrigos ante os ventos reinantes.

De fato, quem segue pelo rumo do reconhecimento feito, por mar, depara logo transposta a pequena expansão que se lança para noroeste, extremando um dos lados do pequeno canal, o Saco da Aguada, arqueado para o sul e francamente varrido pelos ventos alísios de sueste, mas protegido dos que também com muita regularidade sopram de nordeste. A sua concavidade reduzida, porém, prejudicada ainda pelo revólto do aparelho-litoral, torna-a um imperfeito ponto de desembarque.

Mas estes inconvenientes se atenuam logo adiante. Encontra-se a reíntância maior e mais praticável, das Frecheiras, oferecendo melhor garantia contra o sueste e o noroeste, ainda que este último, canalizado pela selada fronteira à enseada, deva agitá-la fortemente desde que adquira grande violência.

Das Frecheiras em diante, passada a ponta da Parcel e infletindo para sueste e noroeste até à ponta da Lagem Preta, o costão é todo desabrigado. As vagas investem-no de chapa, perpendicularmente, batidas pelos ventos ponteiros. Não há um único ponto de desembarque em todo aquêlo trecho, do Parcel à Ponta de Leste, passando pela Lagem Preta.

Contorneada a ponta de Leste, porém, entra-se no melhor abrigo da ilha. A costa encurva-se vivamente para SO e, torcendo sucessivamente para ONO, NO, NNE e NE até à Ponta do Meio, forma um ancoradouro que contrapõe às tempestades perigosas dos quadrantes do sul tôda a massa dominante da montanha.

Não tem, além disto, um único escólho ou recife encoberto; é praticável em todos os sentidos e tem profundidade para navios de calado regular, atingindo mesmo perto da terra, as rápidas sondagens que realizamos, a 11, 12 e 15 metros.

Deixado esta baía, volve-se em cheio para o norte até à ponta do Oratório, além da qual a borda meridional da ilha do Paredão completa um novo fundeadouro, igualmente abrigado, onde lançou a âncora, numa profundidade de 16 metros, o rebocador (Alamiro), que até lá nos conduziu.

É um abrigo perfeitamente seguro, mau grado o inconveniente, revelado pelo esbôço que aqui traçamos, indicando o estreito que lhe demora a Oeste e por onde nos dias de muito mar podem avançar as vagas impetuosamente. A pequena largura dêle, torna fácil e pouco dispendiosa a sua obstrução, para o que já existem, a um lado, nos grandes monolitos que o marginam, as matérias indispensáveis.

Destas breves considerações conclui-se a existência de três ancoradouros regulares, por certo ineficazes ante os grandes temporais, mas bastante para as condições normais da navegação, sobretudo após a construção de pequenos cais de desembarque, permitindo que encostem francamente as embarcações, calando 9 a 12 pés.

E considerando ainda o último fundeadouro, traçado, maior, outro espaço, da sua face sul, onde se vai, em linhas pontuadas as secções que levantamos, verifica-se pelas sondagens indicadas, de que resultaram os cortes seguintes, que aquelas construções pouco avançarão nas águas para o alcance das profundidades convenientes.

CONSIDERAÇÕES GERAIS SÔBRE A FORMAÇÃO DA ILHA — NATUREZA DO SOLO — FLORA — ETC.

Quem segue o itinerário do reconhecimento anterior, contempla notáveis efeitos da força erosiva do mar, exercitada através das marés e dos ventos, sobre uma costa rígida, de pedra.

Ora arredondados com o fácies completo de enormes blocos erráticos, ora duramente esquinados ou apontoando vivamente as alturas, os fragedos, alguns de muitos metros cúbicos de volume, se agrupam amontoados, em desordem, orlando inteiramente as ilhas, salvo os raros pontos em que se aprumam as falaises graníticas, verticais e extraordinariamente altas.

Não há um palmo de praia.

O aparelho litoral perturbadíssimo recorda um dismantelamento de muralhas. Não há descobrir-se uma única itapeva descendo, inclinada, para as águas, de modo a amortecer a violência das vagas. A força viva destas desencadeia-se, intacta, batendo em cheio na base dos costões. E mesmo nos trechos em que os núcleos mais resistentes da rocha originaram pequenos cabos ou pontas, como no Parcel, na Lagem Preta ou no Oratório, os penedos se aglomeram retratando a mesma degradação poderosa e contínua. Apenas em quase todo o correr do costão de sueste, a pedra se alevanta em falaise, inteiriça e largamente desdobrada, face volvida para os ventos impetuosos do Sul. Mas, mesmo nesta banda notam-se, intervaladas e denunciando os pontos fracos atacados, largas frinchas, algumas já em forma de longas galerias, onde acachoram as ondas, reprofundando-as e solapando-as, agravando todos os efeitos de uma decomposição mecânica em grande escala.

Uma destas furnas, que pelo se excavar à feição de um nicho deu o nome à ponta do Oratório, delata ainda na agulha que permanece de pé, à entrada, o desabamento, por ventura recente, da abóbada que ali se alevantava.

O trabalho de erosão do mar, como o indicam estas observações, progride lentamente acompanhando as linhas de menor resistência do terreno.

Considerandó-se, entretanto, a planta anexa, parece que êle se exercita independentemente da estrutura do solo.

De fato, os incorretos arcos de círculo que ali se vêem abrem as concavidades precisamente para os pontos do horizonte de onde chegam os ventos mais constantes e fortes, e as tormentas, como se fôsem feita exclusiva destes elementos.

Além disto, o costão várias vezes citado, de sueste, com ser mais vivamente trabalhado pelas águas é desdobrar-se sem reintrâncias, extremando-se mesmo em ligeira ponta volvida para O.S.O. não inválida e antes reforça a conjetura, porque esta protuberância, lançada segundo a resultante das rajadas mais violentas de S.O. e S.E., indica por si mesma o resultado de esforços que ali incidem em ângulo, de sorte que as degradações operadas de um lado se atenuam pela simultaneidade das que se realizam do outro.

De qualquer modo o que se verifica, de modo inegável, é a ação demolidora do mar, bastante vagarosa, entretanto, para que se garanta a existência daquela terra por muitos séculos ainda.

Dela se colhe, além disto, o principal elemento para afirmar-se que a ilha dos Busios é, no rigorismo técnico do termo, ilha de erosão, um produto das costas devastadas pelo mar, fragmento destacado, em remotíssimas idades, do continente que lhe demora fronteiro.

Realmente todos os outros dados que conseguimos obter numa breve excursão fortalecem esse conceito.

Há, por exemplo, a natureza das rochas que formam a ossatura da ilha. Gnaisses-graníticas como as da Mantiqueira e da Serra do Mar, associam-se-lhes outras cuja existência é, para nós, extremamente expressiva.

Consistem nas que encontrei com os caracteres frisantes de nefelinas graníticas (foyaito) e fonolito. Ora esta ocorrência idêntica à verificada pelo professor Orville Derby em vários pontos do continente, de Cabo Frio a Iguapé, passando pelo Tingirá, Itatiaia, Serra de Bocaina, Poços de Caldas, etc., figuram-se-nos de importância considerável. Estabelece entre os solos da ilha e do continente uma uniformidade estrutural só justificável pela antiga expansão daquele, antes que o desbastassem as vagas, deixando-o profundamente retalhado em toda aquela costa.

Por outro lado a carta hidrográfica de Mouchez indica outros elementos. Realmente, uma reta qualquer traçada da ilha dos Busios para qualquer ponto do litoral vai, numa continuidade perfeita, à medida que se alonga, passando sobre profundidades cada vez menores, revelando um declive perfeito, sem as dobras súbitas das grandes profunduras em torno das ilhas oceânicas repondo independentemente das terras que avizinham.

*

Mas quando estas considerações não bastassem, uma simples excursão pelo interior da ilha confirmaria o conceito emitido.

All se nota logo o fato notável, e sem qualquer outro país, da escala exagerada em que se realiza, sob a ação da atmosfera, a decomposição das rochas metamórficas no Brasil — pelas ações combinadas das chuvas violentas, das alternativas de calor e umidade e reação química das pedras mais duras, rachando-as de meio a meio, segundo as linhas naturais das litoclasses, e, ao cabo, reduzindo-as à lama tenuíssima do *Kaolin* ou argilas vulgares coloridas pelo óxido de ferro das malacachetas decompostas.

Como demais lugares do continente em que o fato se patenteia, vêem-se ali, espalhados pelos pendores ou têsos dos morros, raros acumulados, blocos de grandes dimensões às vezes, cuja origem está na estrutura concêntrica da massa, feita de núcleos esféricos ou lenticulares, compactos e mais resistentes aos agentes exteriores que as camadas vizinhas envolventes mais facilmente destruídas. Estes blocos dispersos, porém, não são em cópia tal que imprimam o caráter pedregoso à região onde o solo arável se evidencia franco como resultado dessas decomposições profundas. A sua cor escura tão contraposta à vermelha das dos solos graníticos, provém de uma circunstância favorável: a mistura longamente acumulada dos detritos vegetais em terreno insulado e há muito inculto e que tudo indica ser de fertilidade rara.

Mostram-no as matas exuberantes que o revestem. Com efeito, embora o porte dos vegetais maiores não atinja às grandes alturas dos que se alevantam nas serras do litoral, são sensíveis, na variedade das famílias e gêneros distintos, inextricável da vegetação rasteira e no colorido forte das ramagens, as energias criadoras da terra.

Notamos as espécies principais à medida que se nos antolhavam, ao acaso, um rumo de picada:

Louro pardo — (*louros sassafras*) Laurácea.

Ipé — (*tecoma ipé*)

Cuticahen

Bicuiba — (*myristica officinalis*) Anonácea?

Cedro — (*cedrela brasiliensis*) Miliácea

Golabeira do mato (*myrtus sylvestris*) Mirtácea

Guapeba — (*hypanthéa guapeba*) Nandiácea?

Guatambu

Ambiju

Bacubichaba

Pitangueira — (*eugenia ligustrina*) Myrtácea

Cubatan

Cabaceiro — (*sttiffitia parviflora*) Composta

Cambucá — (*eugenia edulis*) Mirtácea

Bacupari — (*salacia composta?*) Hipocrateácea

Peroba

Araçarana

Cambará — (*Leandra scalera*) Melastomácea

Batalha

Mossotanha

Cuticahen

Aroeira — (*schinus aroeira*) Anacardeácea

Araribá — (*centro lobium tomentosum*) Leguminosa

Guaicá

Guaracipó

Guiti

Brejaúba

Além de grande número de espécies rasteiras que não foram anotadas.

Ora, se considerarmos que ali se averbam vegetais ocasionalmente encontrados, seguindo rumo prefixo e sem preocupação essencial de observarmos a flora, conviremos em que é ela farta de gêneros e famílias utilíssimas.

Ainda quando, porém, não bastasse este quadro para atestar a fecundidade da terra, revelá-la-iam as pequenas e mal cuidadas culturas que lá existem.

Reduzem-se a diminutas plantações de feijão, mandioca e cana. Os resultados dessas roças maltratadas, entretanto, equiparam-se aos das melhores terras; bastando dizer-se que a plantação de um alqueire do cereal indicado produz em média 88, atingindo as mandiocas e as canas a grandes dimensões. Além disto — circunstância digna de nota — em que pese a uma produção escassa, dado o restrito das culturas, — o feijão dos Busios é conhecido em todo o litoral vizinho, em São Sebastião, Vila Bela e mesmo em Santos, como tendo a propriedade de não apodrecer, nunca, conservando-se intacto por muitos anos.

Algumas árvores frutíferas, abacateiros, ameixeiras e outros, além de cerca de oitenta laranjeiras, plantadas na ilha, faz poucos anos, já assumiram o porte que lhes é próprio e produzem magníficos frutos, assim como um sem número de bananeiras de várias qualidades, de desenvolvimento realmente notável. O mesmo diremos de pouco mais de uma centena de pés de cafeeiros tendo pouco mais de cinco anos, mas já elevados a uma altura média de 4 metros e espelhando, na coloração firme de uma folhagem espessa, vigor pouco comum. A maturação dos frutos figurou-se-nos, contudo, bastante irregular.

Num tal terreno é natural que não escasseiem mananciais perenes. Observam-se vários, sendo os principais:

1.º o que deriva à meia encosta do esporão determinante da ponta da Aguada; o 2.º próximo e mais desviado para o sul, fluindo do minúsculo lago a que nos referimos anteriormente; e o 3.º na selada das frecheiras e descendo para o abrigo de nordeste, além de outros que tivemos por escusado de examinar; sendo a água toda de limpidez perfeita e potável.

A despeito de uma despesa insignificante que subirá quando muito nos maiores a 0,30005 (meio litro) por segundo (mas que poderá ser aumentada por uma captação racional) é permanente o seu regímen, no dizer de todos os habitantes dali e da Vitória. É natural que isso suceda, ainda nas quadras de prolongadas sêcas, desde que é aquela terra varrida de modo regular pelos ventos de SE e SO, preeminentes distribuidoras de umidade.

Nem de outra maneira se explicaria a existência não de uma mas de 4 fontes perenes, na ilha menor, do Paredão, também fértil, revestida de mato e em pequena parte cultivada a respeito da sua área. Uma destas fontes, segundo informam os moradores, tem propriedades terapeuticas no facilitar a cura da opilação e outros males, sem que se conheça, entretanto, a natureza dos corpos que encerra, o que depende de análise ulterior.

Assim se compreende porque a ilha dos Busios foi arrendada, ou aforada — mediante 50\$000 anuais, pagos à Câmara de Vila Bela por habitantes da Vitória cuja superfície mais ampla lhes devia bastar às maiores culturas.

É que a estas condições naturais favoráveis, outras se aliam, por igual apreciáveis.

A fauna terrestre é paupérrima, reduzida a duas espécies de cobras — (a verde, de todo inofensiva, e jararacas das quais o veneno, ali, parece contesável), — lagartos e batráquios.

Em compensação, a do mar é vastíssima, salientando-se, entre os mais numerosos, os chernes, sargos garopa, badejos, cavalas, dourados, salemas, jaguricás, sororocas, piragicas, cações, etc..

Vêem-se pássaros comuns no litoral: beija-flor, ticotico, sabiá, juruti, tié, canários, pomba rola, araponga, saracura, etc..

E nas quadras mais propícias às pescarias de Agôsto e Outubro, por ali se abatem, de parceria com outras aves de rapina, e perturbando seriamente às vêzes, os trabalhos dos rudes pescadores, os alcatrazes errantes e selvagens.

Uma brevíssima estação de dois dias nenhuns elementos nos poderia dar para a caracterização do clima.

Podemos, entretanto, imaginá-lo constante, transcorrendo um ritmo seguro desde que a abrange o quadro maior da climatologia do Atlântico Sul.

Em tal caso os seus reguladores dominantes são fixos: os alísios, os ventos regulares de SE, agindo livres, salvante as anomalias das quadras tempestuosas, com o rigorismo inflexível do fato astronômico que os determina, porque se forram, naquele ponto, à influência perturbadora das brisas diurnas periódicas, inevitáveis nas costas. Dêste modo podemos prever a fixidez imanente aos climas marítimos em geral estável, sem as perturbações que o desequilibram nas paragens costeiras onde aquêles ventos, repuxados pelas componentes de intensidade variável, das brisas que não raro os suplantam, se desviam, incoerentes e vários, acarretando a variação perturbadíssima dos dados higrométricos e termométricos e a consequência forçada da instabilidade climática.

*

São êstes, em imperfeito resumo, os caracteres mais salientes que deparamos na ilha dos Busios — quase despovoada — com a sua população escassa (e advéncia porque é de moradores da Vitória) de 35 pessoas localizadas em nove casas humíllimas, de pau-a-pique, cobertas de sapé, centralizando desvaliosas culturas, cuidadas apenas nos intervalos das pescarias.

Do que dissemos resulta que ela tem capacidade para povoamento muitas vezes maior, explicando-se o seu abandono pela distância.

A ilha dos Busios fica a 17 milhas de Ubatuba e a 23 de São Sebastião que a separa do litoral.

ILHA DA VITÓRIA

(23° 48' 20" L.S. E 0° 58" L. O. RIO DE JANEIRO)

A morfogenia e aspectos físicos desta, idênticos aos da anterior, dispensam o reproduzir de considerações já feitas. Por outro lado a planta n.º 3 anexa, revela a sua conformação geral e acidentes de modo a dispensar uma descrição pormenorizada.

Limitamo-nos por isto a apresentar, claros, os motivos que de todo a improriam ao estabelecimento da colônia planeada.

Destaquemo-los:

1.º) O povoamento maior. A ilha tem 358 pessoas, repartidas em 52 famílias, vivendo estas em número igual de casas, das quais 18 são cobertas de telha, rebocadas e caiadas, e tendo um certo conforto.

Quer isto dizer que a sua escolha acarretaria uma indenização enorme porque, dado mesmo que isto lhe fôsse permitido, nem um só habitante, conforme observei, ali permaneceria.

2.º) Caráter da propriedade. Resultado de uma posse imemorial para uns e para outras de compra perfeitamente legalizadas, aquela é ali definida — o que não sucede na dos Busios.

3.º) A natureza da terra. Ainda que sob o aspecto geognóstico idêntico à da outra — o solo, cultivado há duzentos anos, é estéril, exaurido. Ademais uma moléstia recente, porventura favorecida pela debilidade da terra, está prejudicando as culturas. Denominam-na sapore. Ataca o vegetal pelas raízes, que incham, endurecem e negrejam, matando-o em poucos meses. Assim acabaram cêrca de dez mil pés de cafeeiros de que restam poucas dezenas, progredindo na devastação contínua o mal que talvez mereça o estudo dos competentes.

*

Diante disto em que pese ao aspecto, a primeira vista mais atraente, da Vitória, e a sua área maior, e aos seus dois abrigos, das Pitangueiras e da Guai-xuma, e aos seus nove mananciais perenes — considero-a imprópria para os fins acima indicados.

São Paulo, 8 de Junho de 1902.

*

PARECER *

Coube-me ser o relator do trabalho apresentado pelo admirado escritor e apontado pensador, tão malogradamente arrebatado do nosso cenário, engenheiro Euclides da Cunha, quando então exercia as funções de chefe do 2.º Distrito da Superintendência de Obras Públicas, no Estado de São Paulo, e ora apresentado a êste Nono Congresso de Geografia.

* Este parecer foi unanimemente aprovado pela comissão e pelo plenário.

Não é unicamente uma jóia literária a mais a acrescentar às por êle deixadas, mas sim, mais uma pedra preciosa que êle lapidou com o seu talento e maestria nas oito facetas, tanto são as oito fôlhas datilografadas do presente trabalho, no qual se revela a soma de seus múltiplos conhecimentos científicos, expondo-os com clareza. Nêle evidencia um êrro toponomástico geográfico que deve ser tomado em consideração pelos cartógrafos, navegantes, 'corógrafos, geólogos e botânicos bem como os governantes no amparo de seus habitantes.

Sem entrar em outras apreciações, pois o seu julgamento desde muito se acha feito, estou certo de que o plenário lhe dará a consagração.

Sala da 8.^a Comissão, 10 de Setembro de 1940.

HENRIQUE BOITEUX
Relator

VICENTE DE CARVALHO
(DA ACADEMIA BRAZILEIRA)
PAJINAS SOLTAS VOLUME I
S. PAULO TYPOORAPHIA BRAZIL DE ROTHSCHILD & Co.
Rua 15 de Novembro N. 30-A 1911



Vicente de Carvalho

Euclides da Cunha, ilustre autor dos Sertões, e pessoalmente muito conhecido aqui, onde viveu algum tempo, e de onde ha mezes saiu para chefe da Comissão Brazileira de limites com o Peru — seguiu doente, dizem telegramas, de Manaus para o Alto Purús.

O fato de ter seguido, apesar de doente, não indica, infelizmente, para quem o conhece bem, que a sua doença seja sem gravidade. Porque Euclides leva até ao ezagero o sentimento do dever, e realiza a hiberbole dita por um estadista da monarquia no velho Senado do Império: «Só ha uma desculpa plauzivel de não se comparecer em certas ocaziõis: é a certidão de óbito».

Vimol-o em condições bem difíceis, tentando cumprir a todo o tranze um dever bem duro... Tínhamos sido surpreendidos na ilha dezerta dos Búzios por um famoso temporal caído á boca da noite. O pequeno Alamiro, um rebocador, que lá nos levara e lá nos esperava, passara a noute de fogos acezos, pronto a fugir do seu abrigo estreito, onde a fúria do mar ameaçava a cada instante esmagal-o nos costõis... Antes de clarear o dia, repetiam-se os apitos do rebocador, chamando-nos. Nós

estávamos no alto de um morro, a oitenta metros acima do nivel do mar; e não podíamos, no escuro da noute, que o temporal de chuva em torrentes fazia mais escura, decer a Íngreme escarpa e atravessar o áspero costão, que nos separavam do mar.

Aos primeiros clarões do feio dia que raiava, decemos. Conseguimos, encharcados da chuva e dos borrifos das ondas, chegar ao Alamiro. E, largando o seu perigozo abrigo, uma remançoza enseada que a fúria do oceano violara e puzera a perder, o pequeno Alamiro meteu valentemente a proa no mar largo e no temporal desfeito que esbravejava e rujia.

Euclides tinha a incumbência oficial de visitar a ilha da Vitoria, mais ao largo, e que aparecia, no horizonte carrancudo, atravéz da chuva que caía, como uma mancha cinzenta e lugubre. Mandou aprôar para a Vitoria.

Logo ao sair da enseada, o pequeno vapor começou aos boleos. Tínhamos de segurar-nos aos varões de ferro para não sermos atirados ao mar, varridos pelas ondas que entravam pela proa do Alamiro e iam sair-lhe, espumando e mujindo, pela popa. A cada passo, o rebocador subia, vagarozamente, — como por uma montanha acima — por uma onda enorme que lhe viera ao encontro; e chegado ao cume, na rapidez da própria marcha e do movimento da vaga em contrario, precipitava-se, como uma flecha, com a proa quasi em rumo Vertical ao fundo do mar...

Euclides, pouco afeito ao oceano, pelo qual sente verdadeiro pavor, conservava-se pálido, com os olhos fixos na mancha lonjinha e meio apagada que dezinava no horizonte e na solidão do mar a ilha da Vitoria.

O mestre do barco, um velho lobo do mar, que neste se creara como marinheiro da armada nacional, veiu a custo, aos transbolhões, agarrando-se por onde podia, dizer a Euclides que a ida á Vitoria era um perigo, contra as águas e contra o vento, com aquele mar e com aquele tempo.

«Ninguém sabe, dizia ele, o que vem atraz do temporal... O que já está aqui é grande; mas não se sabe si lá fora nos pegará mais bravo ainda...»

— «A ordem é ir á Vitoria., é preciso que vamos!» respondeu Euclides, aterrado, com os lábios franzidos, os dentes cerrados.

O temporal continuava; e tocado dele, o mar, cada vez mais colérico, cada vez se encapelava mais, sacudindo e rolando o Alamiro como a uma casca de nóz, entrando e saindo por ele ferozmente, levantando-o sobre montanhas e precipitando-o ao fundo de verdadeiros vales formados entre duas ondas...

E Alamiro, obedecendo às ordens inflexíveis de Euclides, avançava para o largo mar, penetrava cada vez mais no temporal e no perigo...

Afinai, a situação tornou-se grave. O mestre veio novamente procurar Euclides, e declarou-lhe isso mesmo. Havia riscos e risco iminente, em continuar aquela rota inflexível. Tornava-se urgente aprôar para S. Sebastião, dando costas ao mar e ao vento, e demandando a segurança dum porto abrigado... Si continuássemos, era muito possível que numa daquelas decidas vertijinosas em que o vapor se precipitava entre duas ondas, não conseguisse resurgir...

Só diante dessa declaração categórica Euclides cedeu. Deixou-se vencer. E, ainda assim!

— «Si eu morresse, dizia-me ele, tinha uma bela morte, a morte no cumprimento do dever. A sua é que seria estúpida; morrer num passeio...»

Creio que foi por essa razão, de ir ali, a passeio, quem escreve estas linhas, que não morremos. Si o que escreve estas linhas também, fosse a cumprir deveres, adeus nossas encomendas! Tínhamos morrido honradamente, e belissimamente.

Qual será a doença de Euclides, de que dão noticia os telegramas, e que não o impediu de seguir para as lonjinquas, as fundas rejãois do Alto Purús?

Nenhum juizo podem formar os amigos que o conhecem bem... O que podem é dizer comnosco, repetindo o bellissimo voto do poeta:

Deus acompanhe o peregrino audaz...!

Santos — 1903.



Ilha da Vitória